# O esse do concreto ao universal - 19/06/2023

\_Entre o objeto, a ostensão, o Sinn e o uso\_  
  
É interessante notar a proximidade do indexical com o mundo. Sua primazia pode  
ser ressaltada com o demonstrativo “esse” que, acompanhado do gesto de  
ostensão, toca a realidade. Quando dizemos “essa pessoa” apontando para ela,  
não resta dúvidas: ela está lá. E isso comunica muito mais do que dizer “a  
pessoa que está lá” ou a pessoa X (descrição definida e nome próprio,  
respectivamente)[i].  
  
Contudo, essa pretensão de certeza trava a linguagem porque fixa o sentido.  
Por um lado, “essa pessoa” é “essa pessoa”, pessoa concreta, embora \_essa  
coisa\_ “essa pessoa” possa trazer significados diversos. Por outro lado, “essa  
pessoa” é uma formulação universal porque eu só poderia falar daquela pessoa  
usando o “essa” (demonstrativo) “pessoa” (objeto). Quando a linguagem toca a  
realidade ela vira uma passagem, não deixa “pegar um sentido”. Só que há  
vários, várias sintaxes.  
  
\* \* \* \* \*  
  
Eu concluí um fluxo similar ao seguinte, das primeiras palavras de CC no  
\_Cognitivismo\*\*[ii]\*\*\_ : “objeto” [uma pessoa] <= “indexical” [essa pessoa]  
(está pertinho) <= “descrição definida” [a moradora do apto 23] (comunica  
algo) <= “nome próprio” [Maria] (indistinto).  
  
Já Wittgenstein, sobre demonstrativos: “O demonstrativo “este” nunca pode  
ficar sem portador. Poderíamos dizer: “Enquanto houver um \_este\_ , a palavra  
‘este’ tem significado, seja \_este\_ simples ou composto”. – Isso, contudo,  
claramente não faz dessa palavra um nome. Ao contrário; pois um nome não é  
utilizado com um gesto ostensivo, mas apenas explicado por ele.”[iii]  
  
E sobre nomes e descrições: “Nomear e descrever não estão, de fato, em \_um  
mesmo\_ plano: O nomear é uma preparação para a descrição. O nomear ainda não  
é, de modo algum, um lance no jogo da linguagem, \- assim como colocar uma  
peça de xadrez sobre o tabuleiro ainda não é um lance no xadrez. Pode-se  
dizer: Com a nomeação de uma coisa ainda não foi feito \_nada\_. Aliás, ela não  
\_tem\_ um nome, a não ser no jogo. Eis também o que Frege queria dizer ao  
afirmar que uma palavra tem significado apenas no contexto da frase”[iv]  
  
O mais interessante é que, pelas \_Investigações\_ , minha pergunta de praxe:  
“Eu falo e você me escuta, mas entende?” teria uma resposta em aberto,  
variando entre sim e não, a depender do contexto e demais envoltórios.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Se existir algo lá.  
  
[ii] COSTA, C. \_Cognitivismo Semântico: Filosofia Da Linguagem Sob Nova  
Chave.\_ Curitiba: Editora Appris, 2022.  
  
[iii] Investigações Filosóficas. Ludwig Wittgenstein. São Paulo: Fósforo,  
2022. Sessão 45, p. 54.  
  
[iv] Idem. Sessão 49, p. 58.